

## **I ENANPARQ**

**Rio de Janeiro, 29/11 a 3/12 de 2010**

**Título do simpósio:** Historiografia da arquitetura: métodos, objetos e narrativas

**Título do trabalho:** Historiografia da arquitetura: métodos, objetos e narrativas

**Autores:** Margareth da Silva Pereira (FAU-UFRJ) e José Lira (FAU-USP)

Desde os anos 1960, mudanças significativas vem se processando na historiografia arquitetônica com ressonâncias mais ou menos contundentes sobre o modo como se concebe e ensina a história nos cursos de arquitetura. A cumplicidade com a prática projetual, visível nas primeiras gerações de historiadores vem sendo desde então ultrapassada por outros critérios analíticos e discursivos e o questionamento das narrativas hegemônicas, das políticas de admissão historiográfica ou das teorias e metodologias influentes na pesquisa histórica em arquitetura e urbanismo.

Essa transformação não pode ser simplesmente tributada à crise do paradigma modernista e deve ser refletida também em face ao delineamento de novos modelos de referência intelectual no campo historiográfico mais amplo. Na década de 1970 tornou-se comum questionar-se o comprometimento excessivo do discurso histórico com as exigências e limites da práxis operativa apelando-se à necessidade de uma reaproximação teórica e metodológica a outros campos de saber como a filosofia, a sociologia, a economia, a história cultural e da arte, à psicanálise etc. Distanciando-se da teoria oitocentista do desenvolvimento cíclico dos estilos, idealista, positivista ou historicista, o investimento especulativo de muitos historiadores da área tornou-se ao mesmo tempo mais transdisciplinar, complexo e mais “circunscrito” em seus objetos. Contra a ênfase nas tendências e cânones dominantes uma atitude mais atenta às obras, discursos, arquivos e fontes passou a valorizar a compreensão das trajetórias, movimentos, processos de concepção ou experiências até então colocados em segundo plano ou vistos como marginais e contra-producentes.

A “causa historiográfica” ecoa também mudanças mais gerais no campo epistemológico, que começando pela própria “historicização” das práticas científicas e artísticas, passaram a investir no interesse por suas instituições, crenças, enunciados,

estratégias e ferramentas, seus modos coletivos de operar ou aqueles de seus diferentes atores. Em meio à investigação acerca das condições de possibilidade de saberes, técnicas, ou tecnologias, o conjunto das culturas intelectuais, científicas e artísticas tornaram-se foco privilegiado de estudo e atenção. Nesse movimento, também os estudos em história da arquitetura e do urbanismo e seus modos de enunciação entraram na ordem do dia das preocupações disciplinares. A transformação obviamente correspondeu ao aparecimento de novos padrões de trabalho, ritmos de pesquisa e tipos de especialização.

A historiografia tanto da arquitetura quanto do urbanismo encontra-se há mais de duas décadas em plena expansão no Brasil. Esta tendência é perceptível nas temáticas de diversos congressos, seminários e publicações que vêm elegendo a reflexão sobre a história da cultura "disciplinar" como foco privilegiado. Pode-se perguntar se internamente esse movimento reflexivo definiu mudanças no campo da arquitetura e do urbanismo. Como vem se relacionando hoje história e projeto? Como vem sendo [re] interpretada a história da cultura disciplinar? São a arquitetura e o urbanismo, de fato, vistos como campos e nele é válido ou possível demarcar-se um campo historiográfico? Como os arquitetos vêm escrevendo no Brasil a história cultural da arquitetura e do urbanismo? A partir de quais abordagens teóricas e recortes? Como constroem suas narrativas? Como estabelecem suas periodizações? Fazem elas sentido? Quais os problemas de método com os quais os historiadores se defrontam em sua leituras das obras ou dos processos de formalização? Como interagem ou interpretam suas fontes? Quais as suas ferramentas?

É verdade que mais do que uma análise do discurso historiográfico como parte da construção de posições relativas à *praxis* projetual, ao menos no Brasil o debate ainda se ressentia de um exame atento dos procedimentos intelectuais e alinhamentos disciplinares da pesquisa especializada. É possível que o tom doutrinário ou apologético, e por vezes mistificador, das primeiras resenhas e apresentações de conjunto, que ecoam nos primeiros relatos genéticos e explicações acadêmicas, tenha algo a ver com nossa dificuldade em tomar distância das mediações com o campo projetual para analisar criticamente a sua história.

De um lado, o enriquecimento daquilo que se caracterizou como a “trama” historiográfica da arquitetura moderna hegemônica; de outro, o caráter reativo ou de acerto de contas de boa parte dos projetos historiográficos de contra-corrente, pouco espaço deixou para o exame da complexidade histórica da arquitetura, linhas de força paralelas ou dissonantes, trajetórias divergentes e muito menos para o debate teórico-metodológico. De modo que até hoje nos ressentimos de uma avaliação mais cuidadosa do papel que o conhecimento histórico vem cumprindo no campo da arquitetura, dos limites e possibilidades da pesquisa na área, da interrogação sobre seus nexos metodológicos e ideológicos, instrumentais específicos, recursos e práticas de pesquisa, análise e interpretação, a transformação de seus objetos, conceitos, temas e problemas, os enraizamentos institucionais e culturais que construiu ao longo do tempo.

São poucos os trabalhos que se dedicaram a uma revisão de conjunto da historiografia da arquitetura no Brasil e da crítica respectiva difundida em periódicos brasileiros e estrangeiros, assim como da atuação peculiar de autores centrais à elaboração historiográfica entre nós. Mais grave ainda, permanece muito pouco explorado o cruzamento entre a produção historiográfica local e as referências teóricas fundamentais, o que certamente repercute nas dúvidas que cercam o papel da história no interior da disciplina.

Organizado em dois módulos complementares, este simpósio temático pretende contribuir para o adensamento coletivo das discussões nesse campo, reunindo um conjunto de pesquisas recentes que de um lado focalizam personagens individuais e linhagens de autores brasileiros de diversas gerações, inscrições institucionais e filiações intelectuais, de outro avançam na discussão em torno de aspectos teóricos, metodológicos e instrumentais da pesquisa especializada.

**Coordenadores:**

Profa. Dra. Margareth da Silva Pereira (FAU-UFRJ, [spmarg@terra.com.br](mailto:spmarg@terra.com.br))

Prof. Dr. José Tavares Correia de Lira (FAU-USP, [joselira@usp.br](mailto:joselira@usp.br))

**Participantes:**



**Mesa 1: Historiadores e historiografias** (Debatedor: Prof. Dr. Carlos Martins – EESC-USP)

Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva (Escola da Cidade)

Prof. Dr. Otavio Leonidio (PUC-RJ)

Profa. Dra. Maria Ligia Sanches (FAU-UFRJ)

Arq. João Clark de A. Sodré (Mestre pela FAU-USP)

**Mesa 2: Tempos, escalas e discursos disciplinares** (Debatedor: Paola Berenstein Jacques FAU-UFBA)

Prof. Dr. Francisco Sales Trajano Filho (EESC-USP)

Profa. Dra. Cecília Rodrigues dos Santos (FAU-Mackenzie)

Arq. Mário Magalhães (Doutorando do PROURB-FAU-UFRJ)

Prof. Dr. Adalberto Retto (UNESP-Bauru)

**Mesa 3: Os corpus documentais na historiografia da arquitetura e o embate com as obras** (Debatedor: Profa Dra. Silvana Rubino - UNICAMP)

Profa. Dra. Maria de Fatima Campelo (DAU-UFAL)

Arq. Juliana Braga Costa - (mestre pela FAU-USP)

Prof. Dr. Washington Drummond (PPG – UFBA)

Arq. Eduardo Costa (Doutorando IFCH-UNICAMP)

**Mesa 4: A construção do campo da historiografia da arquitetura: Historia, crítica e projeto** (debatedor: Prof. Dr. Carlos E. Comas, PROPAR-UFRGS)

Profa. Dra. Maria Angélica (DAU-UFAL)

Prof. Dr. Gustavo Rocha Peixoto (PROARQ-UFRJ)

Prof. Dr. João Masao Kamita (PUC-RJ)

Prof. Dr. Abilio Guerra (PPG - FAU-Mackenzie)